

A FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR ENTRE OS LIMITES E POSSIBILIDADES DO SÉCULO XXI: NEOLIBERALISMO E A REPRODUÇÃO SOCIAL EM BOURDIEU

Data de aceite: 01/07/2024

Lucas Carlos

Graduado em Educação Física (UNESC/2009), Pós-graduação em Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares (Dom Bosco, 2011), Graduado em Sociologia (UNINTER, 2022). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Integrante do grupo de pesquisa GEPEFE

RESUMO: Este artigo busca fazer uma análise da Educação Superior. Apresenta o seguinte problema de pesquisa: Como a formação da Educação Superior pode chegar às camadas menos favorecidas em nossa sociedade? Diante disso, busca-se por meio dos objetivos específicos: Compreender como a Educação superior pode contribuir na qualidade de ensino; Descrever os avanços e dificuldades com as tecnologias de informação e comunicação (TIC); Que agentes conseguem concluir a formação no ensino superior? A partir disso queremos discutir também sobre a própria disponibilidade de tempo a esses agentes em dividir esse tempo entre trabalho, família e estudo. Ao

mesmo tempo percebemos também sobre as dificuldades que vão surgindo como a própria pandemia com o Covid 19 e o uso das tecnologias digitais onde se observa a resistência de professores que ainda não dominam as (TIC), sendo uma demanda do atual momento que os agentes precisam estar preparados com várias exigências do mercado de trabalho, sendo ferramentas essenciais presenciadas nas aulas no período da pandemia. Este artigo tem o emprego do método de pesquisa dedutivo, utilizando-se, também, das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental com consulta às palestras, revistas especializadas e materiais coletados via rede mundial de computadores, tem como metodologia a dedutiva e a técnica aplicada é a bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Superior-Neoliberalismo-Reprodução social.

THE TRAINING OF HIGHER EDUCATION BETWEEN THE LIMITS AND POSSIBILITIES OF THE 21ST CENTURY: NEOLIBERALISM AND SOCIAL REPRODUCTION IN BOURDIEU

ABSTRACT: This article seeks to analyze Higher Education. It presents the following research problem: How can higher education training reach the less favored layers of our society? In view of this, the following specific objectives are sought: Understanding how higher education can contribute to the quality of teaching; Describe advances and difficulties with information and communication Technologies (ICT); Which agents manage to complete training in higher education? Based on this, we also want to discuss the availability of time for these agents to divide this time between work, family and study. At the same time, we also noticed the difficulties that are arising, such as the pandemic itself with Covid 19 and the use of digital technologies, where the resistance of teachers who have not yet mastered the (ICT) is observed, being a demand of the current moment that the agents they need to be prepared with various demands of the labor market, being essential tools witnessed in classes during the pandemic period. This article employs the deductive research method, also using bibliographical and documentary research techniques, consulting lectures, specialized magazines and materials collected via the World Wide Web. the bibliography.

KEYWORDS: Higher Education-Neoliberalism-Social reproduction.

INTRODUÇÃO

Apesar da expansão das políticas de inclusão, o acesso ao ensino superior brasileiro ainda está restrito a uma parcela pequena da população. Dados levantados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2019, demonstram que somente cerca de 20% da população entre 25 e 34 anos possui um diploma de nível superior no País. De acordo com o mesmo levantamento, 40% dos ingressantes em universidades, em 2019, pertenciam aos 20% da população com maior poder econômico. No mesmo ano, só 5% pertenciam aos 20% mais pobres da população. O acesso à educação superior no Brasil é historicamente limitado a membros pertencentes das classes A e B. “Tem um fenômeno muito antigo no acesso à universidade brasileira, que é o predomínio de uma classe média, classe média alta, branca, frequentadora das instituições particulares de educação básica e isso está sendo desmontado”, contou em entrevista Maria Isabel de Almeida, professora associada do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação (FE) da USP.

Segundo Maria Isabel, é possível notar os resultados das políticas de inclusão econômicas e raciais nas universidades. Recentemente, a USP divulgou que o perfil dos ingressantes da instituição foi constituído de estudantes vindos das escolas públicas, pela primeira vez em sua história. De acordo com a professora, os atuais posicionamentos de membros do Poder Executivo e do Ministério da Educação (MEC) parecem não ter interesse em realizar a manutenção dessas políticas. A professora destaca que, para entender esse posicionamento, é necessário contextualizá-lo na história brasileira.

A atual ideologia do governo parece ser influenciada pela política educacional da ditadura militar, que pregava um ensino voltado para o ensino técnico superior. “Historicamente, o ensino técnico no Brasil, de maneira generalizada, é muito ruim, uma produção de péssima qualidade enquanto proposta formativa, ela não valoriza os sujeitos, não valoriza o trabalho”, afirma a professora, e completa: “Ouvir da boca deste ministro [Milton Ribeiro] que nós deveremos ter uma universidade para poucos e uma formação técnica para o resto, eu acho que é a expressão desse modo de compreender o mundo, dessa ideologia”. Recentemente, o ministro se posicionou, questionando o aproveitamento do ensino superior, devido às dificuldades que os graduandos têm para se inserir no mercado de trabalho.

De acordo com um estudo do Núcleo Brasileiro de Estágios, cerca de 50% dos formandos das universidades afirmaram não estar trabalhando após a faculdade e, dentro da parcela empregada dos participantes do levantamento, somente 20% atuavam dentro da sua área de formação. Para Fernando Coelho, professor de Gestão de Políticas Públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, o Brasil, desde 2014, passa por uma crise econômica que agrava a taxa de desemprego entre a população, atingindo todos os setores da sociedade. “Parte, obviamente, desse desemprego, afeta pessoas com educação superior que, na ausência de vagas no mercado de trabalho, acabam se deslocando para trabalhos alternativos”, diz o professor. Para Coelho, o cenário de questionamento em torno do ensino superior é outro. Segundo ele, a reflexão está em se os cursos ofertados atendem às demandas tecnológicas e profissionais do País atualmente. De acordo com ele, existe uma concentração de matrícula em torno de alguns poucos cursos — como direito e administração, por exemplo —, sobretudo no mercado de ensino privado. “Talvez a gente tenha que ter maior clareza de uma política de ciência, tecnologia e inovação, em termos de formação na educação superior, de pessoas para os trabalhos do futuro ou mais aderentes com a dinâmica econômica”, afirma Coelho. Coelho reforça que é necessário que se continue a expansão do ensino superior no Brasil, que ainda é baixa em relação a países da própria América Latina. Países como México, Colômbia, Chile e Argentina possuem uma população, entre 25 a 34 anos, com ensino superior completo, respectivamente, de 24%, 30%, 34% e 40%.

A formação no Ensino superior é um caminho desafiador, estamos num momento pós-pandêmico, em que muitos agentes encontraram muitas dificuldades, nossa educação já vem caminhado há algum tempo nesse viés neoliberal, onde todos devem buscar pelo seu próprio esforço, dificultando muitas vezes para concluir o próprio ensino médio, por se sentirem cansados e desmotivados, sendo o ensino superior um caminho bem mais distante.

Conforme (LAVAL, 2004, p. 12)

As reformas impostas à escola vão ser em seguida, cada vez mais, guiadas pela preocupação com a competição econômica entre sistemas sociais e educativos e pela adaptação às condições sociais e subjetivas da mobilização econômica geral. As “reformas orientadas pela competitividade” tiveram, inicialmente, a finalidade de melhorar a produtividade econômica melhorando a “qualidade de trabalho”. A padronização dos objetos e dos controles, a descentralização, a mutação do “gerenciamento educativo”, a formação dos docentes são, essencialmente, reformas “centradas na produtividade”.

1

OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO EM PLENO NEOLIBERALISMO

Segundo Luckesi (1990), para entendermos melhor o significado de educação, iremos estudar três tendências filosófico-políticas: educação como redenção; educação como reprodução; e educação como um meio de transformação da sociedade.

A educação como redenção defende que a sociedade é formada por seres humanos que vivem num todo de maneira orgânica e harmoniosa. Com isso, objetiva a conservação social, em busca de uma integração em todo seu contexto. Prioriza a personalidade do indivíduo, assim como, o desenvolvimento de suas habilidades e de suas virtudes (valores) necessárias para convivência no cotidiano. Ela é otimista se tratando do poder da educação sobre a sociedade. A educação tem por finalidade a adaptação da pessoa ao meio em que vive. Essa tendência redentora da educação ainda encontra-se presente.

A educação como reprodução considera a educação como elemento da própria sociedade, dessa forma, à ‘reproduz, sendo determinada pelos seus condicionantes econômicos, sócias e políticos. Essa tendência é crítica e ao mesmo tempo reprodutivista. Ela não estabelece um modo de agir para a educação, ela apenas demonstra como atua a educação dentro da sociedade e não como ela deveria atuar. A tendência “crítico-reprodutivista” analisa a prática pedagógica do momento e a projeta para o futuro. Ela é pessimista em relação às mudanças contra a classe dominante, pois no seu entendimento, essas transformações nunca ocorrerão.

A educação como meio de transformação, tem como objetivo compreender a educação como mediação de um projeto social, pretendendo demonstrar que é possível entender a educação dentro da sociedade, trabalhando sempre na perspectiva de democratização. Essa tendência considera como “crítica”, julga a possibilidades de agir a partir dos próprios condicionantes históricos. Ela entende a educação dentro dos determinantes sociais, agindo estrategicamente e lutando pelas transformações, na perspectiva de sua democratização efetiva e concreta, atingindo os aspectos políticos, sociais e econômicos. (LUCKESI, 1990).

É importante ressaltar nesse momento que estamos vivenciando em nossa Educação Básica, dando ênfase ao Ensino Médio, refletindo a plena razão econômica, onde a educação passa a prestar serviço às empresas, onde somos condicionados aos serviços econômicos, ou seja, não buscamos uma práxis social, vamos continuar a reproduzir mantendo a estruturas como estão.

1 Disponível: <https://jornal.usp.br/atualidades/formacao-na-educacao-superior-nao-pode-prescindir-de-politica-de-ciencia-tecnologia-e-inovacao/>

Conforme (LAVAL, 2004, p. 03)

O novo modelo escolar e educativo que tende a se impor está fundamentado, inicialmente, na sujeição mais direta da escola à razão economia. Ele depende de um “economismo” aparentemente simplista cujo axioma principal é que as instituições, em geral, e as escolas, em particular, só têm sentido dentro do serviço que elas devem prestar às empresas e à economia. O “homem flexível” e o “trabalhador autônomo” constituem, assim, as referências do novo ideal pedagógico.

Na perspectiva de compreendermos esse homem flexível, autônomo estamos caminhando a um viés da competitividade mútua, os próprios sujeitos estarão controlando o outro, sendo antes tarefas dos diretores e gestores. A presente mutação é, na realidade, a atualização, em uma fase mais madura da sociedade de mercado, de uma tendência presente nas obras desde muito tempo. (LAVAL, 2004, p. 8).

É importante salientar o verdadeiro sentido da Educação Superior, que professores queremos formar? Que caminhos que nossa educação está seguindo, onde o neoliberalismo está cada vez mais se legitimando. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p. 25).

Conforme (FREIRE, 1996, p. 25)

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

É importante ressaltar que essa troca no processo de ensino e aprendizagem, nos remete ao nosso crescimento, as plataformas digitais novas formas de aprendizagem são importantes, mas cabe também analisarmos e direcionarmos nosso olhar aos influenciadores, onde podem só reproduz algo sem conhecimento de causa, precisamos potencializar nossas políticas educacionais para não sermos vítimas do próprio sistema.

Pesquisadores como Dardot e Laval, em sua obra “A Nova Razão do Mundo” adverte que o neoliberalismo é uma racionalidade, a qual modela o sujeito a ser responsável como se fosse uma empresa, acirando o individualismo, a competição. Todavia a BNCC, veio com o congelamento em 20 anos de gastos na área educacional pública sob o manto da Emenda Constitucional nº 95/2016, que representa um retrocesso frente ao ensino de qualidade, uma vez que estabelece congelamento e redução dos gastos em todos os âmbitos educacionais. Temos uma BNCC, a qual teve uma análise crítica ímpar pelos doutores Muller e Cechinel (p.115,2022), na sua obra Formação Espetacular, a qual passou a transcrever:

Para além do âmbito estritamente económico, a observância de regras impostas pela organização ao Brasil pode ser percebida na esfera educativa a partir de recomendações específicas e pela interferência em políticas públicas educacionais, mais bem explicitadas pela tríade “trabalho, educação e qualificação profissional”, permeada pelo nó górdio da relação entre competências e habilidades em todos os níveis educacionais.

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

As aulas de EF no período da pandemia também buscam uma aceleração no uso das ferramentas digitais, ambientes virtuais e tecnologias de informação e comunicação (TIC) na formação dos professores. Em relação ao tema em questão, as TIC em tempos de Covid-19 e EF, Diaz Barahona, Molina-Garcia e Monfort-Pañego (2020) realizaram uma análise sobre o e a conhecimento e a intencionalidade didática no uso de TIC dos professores da EF, constatando que a grande maioria dos profissionais da EF tem uma atitude positiva em relação às tecnologias de informação e comunicação, adquirindo o compromisso de treiná-los com o objetivo de promover a inovação didática pedagógica.

Por outro lado, Piedra (2020) analisou o uso de redes sociais da EF em tempos de Covid-19, encontrando diferentes pessoas que usaram redes como Instagram, Youtube ou Tik Tok para anunciar atividades desafiadoras ou exercícios físicos com objetivos para a EF. No entanto, o autor destaca que grande parte da produção de vídeos ligados à EF foi feitas por influenciadores, algo muito perigoso. Nesse sentido é importante ressaltar a importância de políticas educacionais para a formação continuada dos professores para o uso das TIC proporcionando uma didática eficiente.

Em outro estudo, que trata de EF para crianças em casa, Burgueño et al. (2020) desenvolveram uma proposta didática (flexível e possível de acordo com cada grupo escolar) para que os alunos realizem o EF de casa, mantendo a idiossincrasia do próprio sujeito e respeitando o currículo. Neste sentido, e levando em conta diversos aspectos que podem favorecer ou dificultar as atividades propostas (espaço da casa, número de parentes, materiais, etc.), os autores indicam atividades relacionadas a desafios e ações motoras, como, por exemplo: Individual em ambientes estáveis; fazer movimentos com papel higiênico com material doméstico; em situação de cooperação, com ou sem oposição; em situação de natureza artística ou expressão; se disfarçar para fazer um vídeo etc.

Dessa forma, a proposta didática apresenta forma de desenvolver o tema EF envolvendo, sempre que possível à própria família; um aspecto relevante para que os alunos mantenham sua vontade e motivação para realizar atividade física. Podemos destacar a conformidade com as indicações propostas por Gonzáles (2020).

Nesta linha de compreensão podemos evidenciar a importância de utilizarmos os materiais para as aulas de EF, como alternativas, sendo que num momento de pandemia, muitas famílias tiveram dificuldades como perda de empregos, familiares etc., sendo assim nessa linha de cooperação as aulas buscam alternativas iguais, proporcionando um cenário igualitário.

Em suma podemos pensar sobre a educação superior, e as dificuldades em que os agentes têm ao chegar numa faculdade, como pudemos perceber na própria pandemia e suas mazelas, como continuar investido na formação continuada sem o capital econômico? Acreditamos que é preciso políticas educacionais para possibilitar aos agentes a continuidade na formação docente.

O avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem influenciado diretamente todas as áreas de atuação humana. Em tempos pós-modernos, evidenciam-se novos contextos de mundo, em que se busca promover a participação e a emancipação do ser humano de forma democrática. As transformações nos processos de produção, comunicação e interação refletem diretamente no campo da educação. Nos espaços escolares, encontram-se as chamadas gerações Y e Z ou “nativos digitais”, conhecidas como geração da Internet, fruto de um período de grandes avanços tecnológicos. Usuários de recursos midiáticos de interação social conectam-se frequentemente a redes sociais, com acesso livre a informações e conteúdos didáticos. Interagem virtualmente, mas não com a formalidade comum ao contexto do universo acadêmico.

Os ingressantes nos cursos superiores exigem processos educacionais mais interativos, com o uso de tecnologias que atendam à realidade social e ao mercado de trabalho. As instituições de ensino, em especial as universidades, têm a responsabilidade de formar indivíduos com as competências necessárias para atuar na sociedade do conhecimento e devem ser comprometidas em responder às demandas sociais, de acordo com o seu momento histórico. É fundamental adequar-se às inovações e acompanhar a evolução da tecnologia e da ciência em todos os setores. Para isso, faz-se necessário capacitar seus professores para que possam lidar com estas mudanças cada vez mais desafiadoras, evidentes e necessárias.

As Instituições de Ensino Superior (IES), em geral, têm infraestrutura relacionada ao uso de (TICs) e contam, em sua maioria, com o portal do campus para atender os acadêmicos e docentes com diversos serviços on-line integrados. No contexto didático-pedagógico, observam-se vários movimentos de inclusão de tecnologias no fazer pedagógico. As metodologias ativas e inovações pedagógicas com a inserção de tecnologias no processo de aprendizagem são promovidas nas formações continuadas que ocorrem regularmente. São disponibilizados aos docentes e discentes laboratórios de informática, a Rede Internet e a Web 2.0, lousas digitais interativas (LDI), o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mesas digitalizadoras e softwares educacionais. Essas tecnologias possibilitam a gravação e o acesso a video aulas, web conferências, produção de conteúdos digitais, acesso a recursos educacionais abertos (REAs), entre outros, que podem ser utilizados em cursos presenciais e na modalidade de Educação a Distância (EaD). Nas salas de aula virtuais, podem ser utilizadas ferramentas de comunicação e interação on-line e off-line, com espaço para a publicação de trabalhos e materiais didáticos diversos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. Destaca-se que a simples utilização de tecnologias não garante mudanças nestes processos. ²

2 Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/resources/files/tecnologias/20digitais/20na/educacao%20superior>

A REPRODUÇÃO NOS CONCEITOS EM BOURDIEU

Na perspectiva de compreendermos melhor nossa sociedade, analisando como ela vai se construindo, reproduzindo e mantendo as estruturas sociais estruturadas, em que os agentes não conseguiram uma ascensão social, por falta de esforço ou a própria meritocracia como assim colocam, essa inquietação nos fez buscar por meio da pesquisa nas escritas de Bourdieu, como esse processo vem se reproduzindo, principalmente nas escolas e refletindo na própria sociedade ao encontro das desigualdades sociais e escolares a na formação superior, onde observamos nos filhos de agricultores, operários, povos indígenas, negros etc., os que menos têm acesso e oportunidade em prol da formação secundária.

Conforme Valle (2014, p. 23)

[...] A compreensão das desigualdades escolares; hoje, tanto quanto a 50 anos, se aposta no ideal meritocrático porque se acredita que são os dons e o desempenho escolar que possibilitam a cada um melhorar sua situação social; hoje, mais do que há meio século, apesar da paisagem educacional ter modificado consideravelmente, esta obra figura como leitura imprescindível quando se trata de desvelar lógicas de reprodução social, historicamente dissimuladas pelo poder simbólico exercido pela escola.

É importante ressaltar, parafraseando com a autora, percebemos que ao longo dos anos, apenas reproduzimos, quando falamos em democracia, estamos dizendo que cada pessoa é responsável de melhorar sua situação social, porém existem as desigualdades escolares, os dominantes possuem as melhores escolas no ensino privado, mesmo que as classes mais inferiores tenham direito a escola, não funcionam como regra, as condições objetivas não são as mesmas e o sistema de reprodução continua.

Conforme Nogueira/Catani (2015, p.9),

Os educandos provenientes de famílias desprovidas de capital cultural apresentarão uma relação com obras de cultura veiculadas pela escola que tende a ser interessada, laboriosa, tensa, esforçada, enquanto para os indivíduos originários de meios culturalmente privilegiados essa relação está marcada pelo diletantismo, desenvoltura, elegância, facilidade verbal “natural”. Ocorre que, ao avaliar o desempenho dos alunos, a escola leva em conta, sobretudo – consciente ou inconscientemente – esse modo de aquisição (e uso) do saber ou, em outras palavras, essa relação com o saber.

Podemos fazer uma analogia com o pensamento do autor, e compreender que a classe dominante vai valorizar os alunos com o maior capital cultural, no sentido que a escola entende por capital cultural, os alunos que não vivenciaram por meio das relações sociais, serão classificados como os excluídos, podemos dar ênfase pela forma de falar, se vestir assim como os ambientes que frequentam. A sociedade em si pode jogar a responsabilidade para a meritocracia, um termo delicado quando fazemos uma contextualização histórica e conhecermos os interesses de classe e como vem se reproduzindo na própria herança cultural herdada pelos seus familiares.

[...] as crianças de origem culturalmente rica herdaram essa riqueza na forma de disposições incorporadas que são reconhecidas e valorizadas tanto por professores quanto pelos procedimentos institucionais do campo educacional. Esses alunos parecem mais inteligentes e mais articulados para seus professores porque eles “falam a mesma língua” e porque o conhecimento e as habilidades culturais valorizadas e recompensadas no sistema educacional são aqueles que essas crianças experimentaram e adquiriram em casa. Talvez os pais delas tenham lido os livros que são ensinados nas aulas de Literatura ou ouvido as músicas que aparecem no programa escolar. Certamente, os pais delas foram bem-sucedidos na escola antes delas e são capazes de ajudar com seus trabalhos escolares. (BOURDIEU, 2018, p. 129)

Por meio dessa herança, busca-se a compreensão das aulas em tempos de pandemia, analisando as desigualdades escolares e o impacto com a própria aprendizagem. Entretanto, compreender essa realidade nos permite desvelar o que está escondido em nossa sociedade no sentido de usar o termo meritocracia sem conhecer as condições objetivas na própria realidade de cada família, formando assim camadas distintas pela forma de falar, se vestir e locais onde convivem, formando assim as diferenças culturais por distinção.

A luta por distinção é mais um contexto onde os habitus de classe distintos são formados. Os grupos se formam, em parte, através do cultivo de características de distinção e sinais de “superioridade”. Entretanto é preciso notar que isso já pressupõe um certo grau de identificação e interação “de grupo”. Isso não pode ser um efeito de simplesmente ocupar a mesma posição social, já que muitos marcadores da distinção são arbitrários e só se tornam significativos quando há um acordo sobre seu significado, que é então comunicado as partes relevantes. (BOURDIEU, 2018, p. 131)

É importante salientar que os indivíduos vão criando seus habitus e se distinguindo dos demais sendo de uma forma natural e na própria divisão de classes. Diante disso, em nossa realidade escolar também vamos encontrar essas diferenças de classes no próprio capital cultural, sendo os agentes das classes com o capital cultural e econômico mais elevado, vão se distinguindo, ou seja, lugares que frequentam viagens de estudo para outros países, shopping etc. tudo isso é fator determinante para a própria formação.

A cegueira às desigualdades sociais condena e autoriza a explicar todas as desigualdades, particularmente em matéria de sucesso escolar, como desigualdades naturais, desigualdades de dons. (BOURDIEU, 2018, p. 92).

A compreensão desses elementos contribui para o desvelar da própria construção do conhecimento, analisarmos as diferenças de capitais e as desigualdades escolares no período da pandemia onde se destaca mais.

Compreende-se que esse sistema encontra sua pena realização no concurso, que assegura perfeitamente a igualdade formal dos candidatos mas que exclui pelo anonimato as desigualdades reais diante da cultura. Os defensores da agregação podem legitimamente arguir que, em posição a um sistema de seleção fundado na qualidade estatutária e no nascimento, o concurso oferece a todos chances iguais. Isso é esquecer que a igualdade formal que o concurso assegura apenas transforma o privilégio em mérito pois permite que a ação da origem social continue se exercendo, mas por vias mais secretas. (BOURDIEU, 2018, p.92/93).

Na perspectiva de desvelar essa igualdade formal dos agentes, onde todos tem as mesmas condições e o próprio mérito que vai definir sua posição social, em que estamos desvelando esse processo em sua origem. A política escolar das democracias populares pode atender a favorecer [...] no ensino superior e o sucesso nos exames dos filhos de operários e agricultores. Mas o esforço pela busca de igualdade continuará existindo enquanto as desigualdades não forem quebradas em prol de ações pedagógicas consistentes e eficazes. (BOURDIEU, 2018).

As classes privilegiadas encontram na ideologia que se poderia chamar de carismática (pois valoriza a “graça” ou “dom”) uma legitimação de seus privilégios culturais que são assim transformados de herança social em graça individual ou mérito pessoal. Assim dissimulado, o “racismo de classe” pode se exibir sem jamais aparecer. Essa alquimia se realiza ainda melhor quando, longe de lhe opor uma outra imagem do sucesso escolar, as classes populares retomam por sua conta o essencialismo das classes altas e vivem sua desvantagem como destino pessoal. (BOURDIEU, 2018, p. 95)

Na compreensão das diferenças de classe e as desigualdades escolares, constatamos certa incerteza de como funciona o atual sistema. Na perspectiva de desvendar esse privilégio cultural onde às classes beneficiadas, que mais utilizam do próprio sistema de ensino, se legitimam no seu sucesso como dons naturais e pessoais: essa ideologia esconde as desigualdades sociais diante da escola e da cultura, fazendo os agentes de classes baixas acreditarem que seu fracasso seja por falta de dons, tirando conclusões precocemente sem uma contextualização e informação do próprio sistema. (BOURDIEU, 2018).

Assim, cada progresso no sentido da racionalidade real, quer se trate da explicitação das exigências recíprocas dos professores e dos estudantes ou ainda da melhor organização dos estudos para permitir aos estudantes das classes desfavorecidas superar suas desvantagens, seria um progresso no sentido da equidade: os estudantes originários das classes baixas, que são os primeiros a sofrer com todos os vestígios carismáticos e tradicionais e que estão mais que os outros inclinados a tudo esperar e a tudo exigir do ensino, seriam os primeiros a se beneficiar d um esforço para levar a todos esse conjunto de “dons” sociais que constituem a realidade do privilégio cultural. (BOURDIEU, 2018, p. 100/101).

Compreende-se assim que para os estudantes de classes mais baixas pudessem superar essas desvantagens no sentido da equidade, aprendendo os mesmos conteúdos, desvelando conclusões de não serem privilegiados com “dons” para uma vida de sucesso intelectual. “O capital cultural e o ethos, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais”. (BOURDIEU, 2015, p.55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o covid-19 tem contribuído para muitas mudanças em nossa sociedade, mudanças essas nas estruturas públicas e privadas em todo o mundo. Acelerou o desenvolvimento de tecnologias e possibilitou a distribuição delas para diferentes camadas da sociedade que, talvez levassem mais alguns anos pra receber equipamentos, treinamentos e rede. Entretanto podemos observar o avanço das tecnologias, sendo necessário que também avançamos em direção da “alfabetização digital” por meio de políticas educacionais.

No campo docente, a pandemia fez com que os educadores tivessem que se reinventar, buscar outras formas no processo de ensino aprendizagem. No caso da EF, onde a participação mútua é de extrema importância na perspectiva dos objetivos da disciplina, buscaram-se descobrir formas diferentes, atividades com pouco contato, fazendo apenas com pessoas da própria casa e com materiais alternativos.

O Novo Ensino Médio chegou, aos poucos vai se estruturando, o neoliberalismo na compreensão de mostrar a liberdade, esconde os mecanismos que mantém as suas estruturas bem protegidas, queremos fazer essas reflexões a fim de buscar a valorização do ensino público, queremos um Estado comprometido com nossa Educação, não podemos permitir que o setor privado num viés de lucratividade vai estender as mãos aos mais necessitados de nossa sociedade, já conhecemos que caminho vai se direcionar, jogando a responsabilidade aos agentes que muitas vezes incorporam como não capazes de ascender socialmente, acreditando que não tenha capacidade de pensar, sonhar que pode ter uma profissão digna onde só a classe dominante prevalece como legitimada. É um momento de reflexão, desvelar o que parece natural, conhecendo as estruturas sociais e sua reprodução coercitiva nesse caos presenciados até os dias atuais.

Assim nossos alunos se formem como sujeitos competitivos, sendo que a troca de informações é essencial para ampliarmos nossos conhecimentos. É importante salientar que a pandemia fez com que tivéssemos um novo olhar social, aprendemos ter mais empatia e solidariedade com nosso próximo, muitas famílias além de perderem seu trabalho e familiares, tiveram que buscar outros meios para manter suas necessidades básicas e sua própria sobrevivência. Quando analisamos um país que caminho a passos rápidos para o Estado mínimo com o neoliberalismo em pleno vapor, estamos também percebendo já no retrovisor escolar, que ele está chegando, por meio de temas e atividades escolares, os agentes já vão se construindo como seres autônomos, no sentido de polivalentes, que busquem sua própria autonomia social formando um sujeito meritocrático, que luta e busca sua Ascensão social.

Nesse sentido, é necessário continuar avançando em estudos que possibilitem analisar as diferentes estratégias de interação, seja remotamente ou presencial. Caso não seja necessário que a população em geral utilize essas estratégias, ou seja, se não tivermos confinado novamente, pelo menos podemos oferecer às pessoas que tem temporariamente não podem estar presentes nas Escolas ou Universidades recursos educacionais adequados.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre: **Escritos de educação** / Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). 16. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre: **conceitos fundamentais** / editado por Michael Grenfell; tradução de Fábio Ribeiro. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BOURDIEU, Pierre: **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura** / Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron; tradução Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. – 2. Ed. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

BOUDIEU, Pierre: **Os usos da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**/ texto revisto pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais; tradução Denice Barbara Catani. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BURGUEÑO, et al. Eucación Física de calidad em casa para niños: Uma propuesta de aplicación curricular em Educación Primaria. **Journal of Sport and Health Research**, v,12, n. 2, p. 270-287, 2020. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/jshr/article/view/80564>. Acesso em: 03/01/2023.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. Ed., Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1992.

DÍAZ BARAHONA, J.; MOLINA-GARCIA, J.; MONFORT-PAÑEGO, M. El conocimiento y la intencionalidade didáctica em el uso de TIC del profesorado de educación física. Retos, Barcelona, n. 38, p. 497-504, 2020. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/74370>. Acesso em: 03/11/2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

GARAY, C.C. I. Las cinco pandemias más letales de la historia de la humanidad. **National Geographic**, Madrid, 2020. Disponível em:

<https://www.nationalgeographic.es/historia/2020/11/cinco-pandemias-mas-letales-de-historia-dehumanidad>. Acesso em: 02/01/23.

<https://jornal.usp.br/atualidades/formacao-na-educacao-superior-nao-pode-prescindir-de-politica-de-ciencia-tecnologia-e-inovacao/>

<https://www.unesc.net/portal/resources/files/tecnologias/20digitais/20na/educacao/superior>.

GONZÁLES ARÉVALO, C. Mesa 4 – EF em distanciamento físico. OPOS PILIS, 2020. 1 vídeo. (192 mim). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iHrvXGD9NO0>. Acesso em: 03/01/23

LAVAL, Christian. A Escola não é uma empresa. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Trad. Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004. xxi, 324p.;22cm.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

PIETRA, J. Redes sociales en tiempos del COVID-19. **Sociología del Deporte**, Sevilla, v.1, n. 1, p. 43, 2020. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/sociologiadeldporte/article/view/4998>. Acesso em: 16/out.2021.